

RAMÓN LÓPEZ VELARDE: INTELETUAL E TESTEMUNHA EM: *EL TESTIGO* DE JUAN VILLORO

Simone Silva do Carmo

Testigo de la matanza entre facciones, López Velarde rechazó, pese a su fervor maderista, la subversión de su mundo íntimo por culpa de una Revolución incontrolada.

José Emilio Pacheco

O escritor mexicano Juan Villoro (1956) publica em 2004, seu terceiro romance *El testigo*. Composto quase todo no estrangeiro e após a derrota eleitoral do Partido Revolucionario Institucional (PRI)ⁱ nas eleições presidenciais ocorridas no México no ano 2000, fato que, na teoria, colocaria fim à hegemonia do “governo da Revolução Mexicana”. Através do romance, pode-se observar, uma fragmentação apresentada por diversos personagens, que nesse artigo, se centrará em apenas dois, objetivando demonstrar como se dá a multiplicidade de visões que exploram as distintas faces da testemunha.



Juan Villoro

A obra em questão marca, em sua estrutura narrativa, dois períodos importantes da história do México, através de dois personagens. No caso do primeiro, trata-se do personagem histórico Ramón López Velarde, o poeta nacional por excelência, o qual, em sua curta vida, foi extremamente criticado por ser: “unhombre que iba a lavanguardia del arte y a la retaguardia de la política” (GONZÁLEZ ROJO, 2008, p. 28). Foi, enfim, um intelectual mexicano que viveu num período de mudanças ocasionadas, em grande parte, pela Revolução. Em relação ao segundo, trata-se do protagonista do romance, Julio Valdivieso, o filho intelectual de uma família de fazendeiros. É um personagem complexo, cuja história pessoal e familiar se confunde com a nacional, visto atravessar esse complicado período de transição para a democracia. Ambos são intelectuais e testemunhas de períodos de euforia e desilusão.

Desde as primeiras linhas de *El testigo*, ecoa a presença de Ramón López Velarde, o qual é apresentado no romance como um personagem histórico e narrativo ao mesmo tempo. Sua obra habita todo o texto, não como mera demonstração de erudição, pois seus poemas são introduzidos como comentários, citações ou expressões de sentimentos vinculados aos personagens. Dessa forma, um duplo jogo literário e histórico se desenvolve ao longo do romance, no qual ficção e realidade se misturam na mesma narração.

Muitas questões são levantadas no romance a respeito da biografia do poeta. No entanto, o maior questionamento parte do posicionamento político e do compromisso intelectual de López Velarde. Essas dúvidas são levantadas de maneira irônica, com uma releitura crítica da tradição literária mexicana, provocando disputas entre diversos grupos de personagens, pois ele falece antes do fim da Revolução Mexicana sem poder ver o resultado das transformações sofridas pelo país. Se tivesse vivido um pouco mais, talvez não fosse considerado o poeta nacional, pois as posições que todos acreditam terem sido tomadas por ele não passariam de meras especulações. No entanto, por que grupos tão distintos e de diferentes correntes ideológicas, como a mídia, a igreja e o narcotráfico reivindicariam para si, no romance, o posicionamento de um poeta que viveu somente trinta e três anos?

Ramón López Velarde: crítica e obra



Ramón Modesto López Velarde Berumen é a figura que permite dar conta da transição do modernismo à vanguarda "[...] y, más importante aún, de una idea de la cultura nacional que no se finca en las ideologías urbanas de buena parte de los grupos en cuestión". (SÁNCHEZ-PRADO, 2006, p. 21). Um intelectual extremamente criticado por, num tempo de violenta transição, ir, simultaneamente, na vanguarda da arte e na retaguarda da política.

Nasce em Jerez, Estado de Zacatecas, em 1888, no mesmo ano em que Rubén Darío publica seu livro de poemas *Azul*. Começa a escrever quando ingressa no *Seminario Conciliar de Zacatecas* no ano de 1900. Em 1908 entra no *Instituto Científico y Literario de San Luis Potosí* e colabora em jornais e revistas da província.

Forma-se advogado em 1911, passando a exercer a profissão de juiz em *San Luis Potosí*. No entanto, talvez pela tormenta revolucionária, em 1914, muda-se definitivamente para a capital, e lá, além de ocupar modestos postos burocráticos, publica, regularmente, ensaios e poemas.

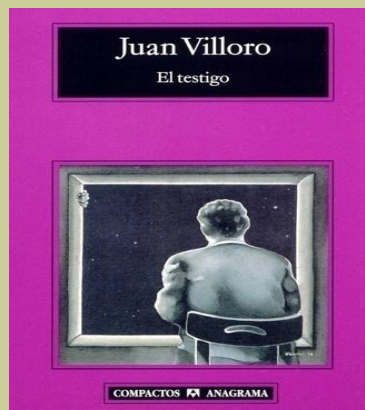
Em sua vida publica somente dois livros de poesias: *La sangre devota* (1916) e *Zozobra* (1919); depois de sua morte, são editados três volumes: um de poesia, *El son del corazón* (1932) e dois de prosa, *El minuterio* (1923) e *El don de febrero* (1952).

Em 1920, nas proximidades do aniversário do centenário da Independência Mexicana, escreve seu poema mais conhecido: *La suave Patria*. Um ano mais tarde, em 1921, morre na madrugada de 19 de junho, asfixiado pela pneumonia e pela pleuresia. A respeito de sua morte, relata o crítico José Luís Martínez: "Lo habían matado dos de esas fuerzas malignas de las ciudades que tanto temiera: el vaticinio de una gitana que le anunció la muerte por asfixia y un paseo nocturno." (MARTÍNEZ, 1998, p. XXVII)

Poeta da província, poeta católico, poeta do erotismo, poeta da morte e também poeta da Revolução, López Velarde é poeta da província, mas, como acrescenta Octavio Paz: “[...] no es un poeta provinciano, aun que el terruño natal sea uno de sus temas.” (PAZ, 1972, p. 78) Embora tenha conhecido Francisco Madero em 1910, simpatizado com o movimento revolucionário, não pode ser considerado um poeta revolucionário, pois não foi seguidor desta causa, embora se tenha deixado influenciar por ela, como destaca Villoro em *Ramón López Velarde: la tradición de un fantasma*:

Poeta católico muy arraigado a las costumbres de la provincia mexicana, se dejó influir por la Revolución de 1910 y participó en el anhelo de cambiar el mundo; de temple liberal, escogió la democracia en un momento en que se votaba con balas. [...] murió a los 33 años, sin conocer el mar ni tener una casa. (VILLORO, 2004b, p. 4)

Um poeta desconhecido ou incompreendido? As duas coisas. Por que é tão menos conhecido que o muralismo mexicano, por exemplo? Ambos são extremamente importantes para a ressonância do nacionalismo. Mas as pessoas cultas do ocidente conhecem o muralismo mexicanoⁱⁱ, e não López Velarde. O crítico Gabriel Zaid, na introdução da obra poética do poeta nacional, tenta responder a esse questionamento. Não chega a uma conclusão, mas levanta possíveis respostas: “[...] murió a los 33 años, nunca salió del país y militó en el partido erróneo: el Partido Católico Nacional.” (ZAID, 1998a, p.XXI) Os muralistas, ao contrário, viveram mais, militaram na Internacional Comunista e passaram temporadas em Paris e Nova York.



No entanto, cabe ressaltar que sua imagem não está associada ao catolicismo, mas ao nacionalismo revolucionário. Associação equivocada? Não, levando em consideração seu poema mais conhecido: *La suave Patria*, cuja base teórica já havia sido lançada no ensaio em 1921, intitulado *Novedad de la Patria*, como se pode observar no trecho que segue:

Correlativamente, nuestro concepto de la Patria es hoy hacia dentro. Las rectificaciones de la experiencia, contrayendo a la justa medida la fama de nuestras glorias sobre españoles, yanques y franceses, y la celebridad de

nuestro republicanismo, nos han revelado una Patria, no histórica ni política, sino íntima. (LÓPEZ VELARDE, 1998b, p. 308)

López Velarde e seu único poema de inspiração cívica, *Lasuave Patria*, ocupam um marco central na constituição de um campo literário mexicano, pois propõe uma poesia que deixa de ser algo distante e passa a ser cotidianizada como nação. Como destaca Gabriel Zaid sobre o poema, "Sería un error pensar que el acontecimiento se redujo a eso. El verdadero acontecimiento fue literario. Sucedió en las palabras del poeta y en la conciencia del lector." (ZAID, 1998a, p. XXIII)

José Gorostiza, integrante do grupo *Contemporáneos*, em 1924, relata emensaio sobre a descoberta: "La patria fue, sin duda, el descubrimiento más plausible de López Velarde, porque, teniéndola al alcance de la mano, nadie antes de él quiso enterarse de su existencia." (GOROSTIZA, 2008, p. 23)

No entanto, há que se considerar a perspicácia de José de Vasconcelos, que transforma a morte do poeta em um acontecimento, o poema em uma espécie de "hino" nacional, pois "[...] hizo llegar *La suave Patria* a todos los maestros de la república en la revista *El Maestro* (con un tiraje de 60.000 ejemplares)." (ZAID, 1998a, p. XXII). Com isso, converte o poema em um modelo de cultura nacional revolucionária. *El Maestro* era distribuído por toda Hispano-américa, como destaca José Emilio Pacheco "Uno cayó en manos del joven Borges. Se aprendió de memoria *La suave Patria* y no la olvidó nunca." (PACHECO, 2001, p. 1)

O poeta nacional de mais sorte amorosa, econômica e política recebe em sua curta vida o reconhecimento de gerações que convive naquele momento, como: José Juan Tablada (modernista), Julio Torri (ateneísta), Xavier Villaurrutia, Salvador Novo, José Gorostiza y Carlos Pellicer (os futuros *Contemporáneos*) e Manuel Gómez Morín (*Los Siete Sabios*) que diz, como destaca Gabriel Zaid: "López Velarde cantaba un México que todos ignorábamos, viviendo en él." (GÓMEZ MORÍN apud ZAID, 1998a, p. XXIII)

Como se pode observar, López Velarde convive com todos esses grupos de grande importância na fundação ideológica de um campo intelectual, mas não os integra, o que demonstra um período de profunda indeterminação. Para ilustrar, observem-se Vicente Lombardo Toledano e Manuel Gómez Morín. O primeiro, fundador da estrutura sindical futuramente incorporada ao PRI (Partido Revolucionario Institucional) e criador do Partido Popular (Socialista), e o outro, um intelectual de direita, fundador do Banco Nacional do México, o qual, após romper com o governo, funda o PAN (Partido de Acción Nacional). Deste modo, destaca Sánchez-Prado:

muchos de los elementos culturales que flotaban en los debates de la época, como el humanismo clásico del Ateneo, la ideología sindicalista de Lombardo Toledano o el sinarquismo de Gómez Morín eran formas de ejercer una identidad cultural y política en un momento en que el Estado no había logrado armar todo su versión hegemónica. (SÁNCHEZ-PRADO, 2006, p.16)

Sendo assim, afastado das disputas do campo literário em formação, encontra-se o poeta Ramón López Velarde, figura fundacional da poesia mexicana moderna.

Intelectuais e testemunhas em *El testigo*

Com uma linguagem que alterna prosa e poesia, Juan Villoro concede a esse personagem histórico e narrativo um papel fundamental durante todo o desenrolar de *El testigo*. Essa relação aparece desde a primeira página pela quantidade de capítulos e o número do quarto em que se hospeda o protagonista do romance Julio Valdivieso, numa clara referência ao número trinta e três, que é a idade em que falece López Velarde.

O cenário da volta de Julio Valdivieso, ao México, ocorre após vinte quatro anos de exílio voluntário, logo após as eleições presidenciais de 2000, quando o PAN (partido de direita – conservador e cristão, capaz de estabelecer um contato mais estreito entre Igreja e Estado) assume o poder, o que em tese colocaria um fim aos 71 anos de hegemonia do PRI, prometendo instaurar, finalmente, uma democracia. Tal fato não se concretiza, provocando uma profunda revisão do valor da Revolução Mexicana na consolidação das Instituições políticas e culturais, assim como dos poderes econômicos do país.

A trama se desenrola quando Valdivieso, chegando ao país, é abordado imediatamente pelos antigos amigos da Oficina Literária da qual fez parte: Juan Ruiz (El Vikingo), um importante publicitário, e Félix Roviroso, seu ex-colega de graduação em Letras na UNAM e alto funcionário da televisão (que se presume tratar da *Televisa* – um grande consórcio de telecomunicações do México). O regresso ao país em seu ano sabático é uma revisão em seu arquivo familiar. Isso contribuirá para escrever o roteiro de uma telenovela histórica intitulada *Por el amor de Dios*, na qual se reviverá a gesta dos cristeros, fato posterior à Revolução e silenciada durante a hegemonia do PRI. Paralelo à telenovela, será rodado um documentário sobre a vida do “poeta da pátria”, Ramón López Velarde.

O romance está dividido em três partes: “Posesión por pérdida”, “La mano izquierda” e “El tercer milagro”, contendo, no total, trinta e três capítulos. Não há como dividi-la cronologicamente, pois se percebe que o protagonista chegou fisicamente, mas que sua memória vaga entre a vida na Europa e o passado em seu país.

Dentro desse contexto, longe de uma literatura de exílio ou de uma ideologia nacionalista, *El testigo* apresenta em suas epígrafes invocações a Ulisses. Fazendo referência à viagem, principalmente ao ponto de chegada e aos enigmas do regresso, Villoro relaciona o retorno do protagonista com o poema velardiano *El retorno maléfico*. Vale-se, então, do tema da viagem como um deslocamento geográfico e imaginário, não apenas entre o mundo interior e exterior, mas também entre o presente e o passado. Nesse caso, Valdivieso está no México e recorda seus últimos dias em Lovaina, relacionando já, desde as primeiras páginas, os temas que pretende destacar no romance, os quais

passam por questões estéticas e literárias, mas, principalmente, por preocupações atuais em relação à sociedade.

Deste modo, uma complexa estrutura narrativa é apresentada, e o autor procura conciliar tempos diferentes com longas pausas na narração, que mais parecem buracos na memória, pois oscilam entre espaços e tempos distantes. Em meio a tudo isso, está Julio Valdivieso, que se assemelha a um sonâmbulo, vagando no presente em busca de um passado não concretizado, à procura de um tempo perdido, capaz de ser encontrado apenas no passado.

Assim, os vínculos intertextuais com a Odisseia não são gratuitos, pois Valdivieso, após quase um quarto de século, resolve voltar a sua Ítaca natal (México), como um Ulisses que vai ao encontro de sua Penélope (Nieves, o amor de juventude). Perdido entre aventuras e sombrios cânticos das sereias, encontra um país mergulhado na violência e no tráfico de drogas, com sérios problemas políticos e econômicos, apesar de acabar de sair de uma longa ditadura de partido que havia durado mais de setenta anos.

É importante salientar que, em sua chegada, Valdivieso e Vikingo se encontram para almoçar em um restaurante chamado *Los guajolotes*, ou seja, "Os perus", título do primeiro capítulo do romance, fato que remete à frase emblemática com que se encerra o 2º *Manifiesto Estridentista*, de 1923, "¡VIVA EL MOLE DE GUAJOLOTE!" (SCHWARTZ, 1995, p.163), o qual, em suas ideias centrais, propunha "cagar" em cima dos heróis que estavam encarapitados "[...] sobre o pedestal da ignorância coletiva. Horror aos ídolos populares. Ódio aos panegiristas sistemáticos", no qual Maples Arce convocava a "[...] defender a nossa vergonha intelectual". (SCHWARTZ, 1995, pp. 162-163)

Já o *Manifiesto Estridentista nº 3*, de 1925, inicia-se com uma crítica ao "[...] garimpeirismo de López Velarde" (SCHWARTZ, 1995, p. 163). E é nestas referências à morte de uma estética literária que teve seu auge durante o *porfiriato*ⁱⁱⁱ, que os *estridentistas*, ao assinarem o manifesto, propõem rebelar-se contra "[...] os espíritos acadêmicos que continuam preparando seus cozidos com ingredientes passados". (SCHWARTZ, 1995, p. 163)

Para complementar o esboçado nesse parágrafo, é preciso não esquecer que, tanto as gerações imediatamente anteriores quanto as posteriores ao poeta zacatecano contribuíram para a construção das estruturas do país (no que tange ao aspecto econômico, político, cultural e artístico) que estavam por ser feitas. Do mesmo modo, tal pode ser dito em relação aos *científicos*, Justo Sierra e Gabino Barreda, antes da Revolução mexicana, e de figuras como as dos *ateneístas* José Vasconcelos e Antonio Caso; dos *Estridentistas* Maples Arce e Arqueles Vela; dos *Contemporâneos* Salvador Novo e Torres Bodet, os quais, entre outros, depois da Revolução, postulavam-se a si próprios como *intelectuais*.

Villoro centraliza grande parte do romance em San Luis Potosí, local de nascimento de Valdivieso, onde está localizada a fazenda de sua família, denominada *Los cominos*, exatamente na rota do narcotráfico. Essa cidade foi também o local em que Ramón López Velarde passou um período, como diz o personagem padre Monteverde, encarregado da canonização do poeta:

Los biógrafos pierden la pista de Ramón de diciembre de 1912 y mayo de 1913. Son momentos decisivos de la

Revolución. Nadie sabe dónde estuvo durante el asesinato de Madero ni durante la Decena Trágica. Después de su estancia en Venado, regresó a San Luis. Ahí lo tenemos en diciembre. En mayo aparece en la capital. ¿Qué pasó en medio? Eran días terribles para el país. La Revolución parecía abortada, Victoriano Huerta iniciaba una nueva tiranía. Fue la gran jornada del éxodo, la gente buscaba refugio en sitios alejados.” (VILLORO, 2004a, p. 144)

É desse período que lhe atribuem vários milagres, que, na verdade, podem ser reduzidos a apenas um: “salvar a alguien de ahogarse em un estanque.” (ZAVALA, 2011, p. 239) E isso ocorre, apesar dos argumentos do protagonista, mostrando que, a partir de 1912, pode-se perceber nos artigos de López Velarde um extremo conservadorismo católico. Esses escritos beiravam o fanatismo, chegando a chamar de “animal” uma das figuras mais emblemáticas da Revolução – Zapata, o que não é suficiente para o padre Monteverde, que contesta “[...] un alma confundida partida en dos.” (VILLORO, 2004a, p.144) Ou seja, não importa a argumentação, pois se percebe que há sempre uma tentativa de reposicionar o rumo da história com reescrituras históricas improváveis, infundadas e capazes de beneficiar determinadas correntes encasteladas no poder, numa tentativa de fazer prevalecer a imagem mítica, religiosa e patriarcal do poeta da pátria.

Ainda em relação a essa cidade, cabe ressaltar que é também o local em que foi criado o *Plan de San Luis Potosí*^{IV}, de Francisco I. Madero, no qual se convocava para um levantamento de armas:

Conciudadanos: si os convoco para que toméis las armas y derroquéis al Gobierno del general Díaz, no es solamente por el atentado que cometió durante las últimas elecciones, sino para salvar a la **Patria** (grifo nosso) del porvenir sombrío [...] No vaciléis pues un momento: toma las armas, arrojad del poder los usurpadores, recobrad vuestros derechos de hombres libres y recordad que nuestros antepasados nos legaron una herencia de gloria que no podemos mancillar. Sed como ellos fueron: invencibles en la guerra, magnánimos en la victoria. SUFRAGIO EFECTIVO. NO REELECCIÓN. San Luis Potosí, octubre 5 de 1910. (MADERO apud ARCEO MOLINA, 2010, p. 2)

Em relação a esse trecho retirado do documento, observa-se a referência dada a alguns dos conteúdos pelos quais lutavam as diversas facções envolvidas no conflito: *maderistas, zapatistas, villistas, carrancistas, obregonistas, magonistas*... No entanto, o viés liberal do poeta o ligava à tradição *porfirista*, e distanciava seu projeto, por exemplo, dos de Ricardo Flores Magón (anarquista), Pancho Villa (reforma agrária no modelo de pequena propriedade privada) e Emiliano Zapata (reforma agrária com terras

comunais). Ramón López Velarde, como já foi mencionado, não participou ativamente do movimento revolucionário.

Acredita-se que, ao resgatar López Velarde, o romance quer repor o debate através do discurso literário uma vez que, nele, está reunida, de maneira singular, grande parte das contradições do México revolucionário:

López Velarde admitía en sus poemas las pugnas favoritas de la cultura mexicana: la provincia y la capital, las santas y las putas, los creyentes y los escépticos, la tradición y la ruptura, nacionalismo y cosmopolitismo, barbarie y civilización. (VILLORO, 2004a, p. 52)

E também, como destaca Alejandro Hermosilla Sánchez em seu artigo *Un viaje de ida y vuelta a México: El testigo de Juan Villoro* que López Velarde:

es ubicado certeramente por Villoro en el punto nodal de su narración porque mostró, desde su particularidad regional abierta a los aires novedosos de la modernidad literaria, el cómo todo un país pudo haber también efectuado este cambio en lo que se refiere a su dirección política e histórica. (HERMOSILLA SÁNCHEZ, 2010, p. 8)

Villoro deixa claro o paralelismo que leva o acadêmico de origem potosina a se ocupar do poeta nacional que também viveu e escreveu em outro período de transição, o da Revolução. Como se pode observar na citação que segue, quando o personagem padre Monteverde, de maneira lúcida, em uma reflexão sobre os movimentos contraditórios produzidos pela Revolução e que, de alguma maneira, estão relacionados à vida e à obra do poeta:

La Revolución tuvo dos caras [...] Pensemos en López Velarde. La política lo sacó de la provincia monótona, lo acercó a convicciones modernas que no hubiera tenido de otro modo, lo llevó a la capital. ¿Qué hubiera sido de él encerrado para siempre en Jerez? La nostalgia mejora las alacenas de compotas y los dulces de la infancia. Sin ese viaje no hubiera extrañado «el santo olor de la panadería» ni «la picadura del ajonjolí». Fue progresista en la política pero entrañablemente reaccionario en los recuerdos. La Revolución le permitió ese doble movimiento. (VILLORO, 2004a, p. 80)

E por que resgatar esse personagem histórico após tantos anos? Em primeiro lugar, porque Villoro não faz voo rasante e, depois, como destaca José Emilio Pacheco (2001), é porque López Velarde não se esgota, pois "[...] que en el México sin PRI él puede ser el "poeta nacional" que antes tratamos envano de inventarnos." (PACHECO, 2001, p.2)

O resgate também se dá porque, já no início do século passado, López Velarde inventa uma nova forma de escrever sobre a nação e propõe uma literatura que opere de maneira autônoma num período em que a relação entre o Estado e a poesia destrói o potencial estético de escritura, pois um campo literário autônomo é construído por uma poesia autônoma, democrática, cotidianizada, ou melhor, cidadanizada. (SÁNCHEZ-PRADO, 2006, p. 56) Como afirma Carlos Monsiváis: "López Velarde es, en rigor, la vanguardia, pero nunca lo reconocen como tal quienes sólo otorgan el rango de *vanguardia* [destaque do autor] a los que exhiben con estrépito sentimientos disonantes." (MONSIVÁIS, 1998, p.692), pois as poesias de López Velarde não são menos profundas ou radicais que a dos *estridentistas*, mas, devido a sua temática, é visto com suspeita no meio cultural. Por uma estranha coincidência, Monsiváis e López Velarde faleceram no mesmo dia, 19 de junho, com uma diferença de quase noventa anos.

Mesmo levando em conta a distância temporal entre López Velarde e Juan Villoro, para todos os caminhos que se tome, encontra-se o México, caso não muito comum tanto naquele período como no presente.

Sendo assim, esse questionamento se faz importante quando o PAN vence as eleições, pois se percebe que ele reafirma a presença de antigos atores político-culturais que consolidam sua presença na vida política e cultural do México moderno.

López Velarde é importante para discutir a figura do intelectual através de sua posição inquestionável. Como destaca Monsiváis (1998), as adulações cívicas em torno de *La suave Patria* "Ahorra la interpretación crítica" (MONSIVÁIS, 1998, pp. 691-692) não somente desse poema, mas de toda sua obra. Jorge Ruffinelli, citado por Sánchez-Prado, comenta a respeito da falta de tradição literária no panorama crítico do país em 1990, e conclui que "uno de los mitos hacia dentro del campo literario en México es la ausencia de crítica literaria". (RUFFINELLI apud SÁNCHEZ-PRADO, 2006, p. 4).

A releitura de Villoro sobre esse poeta, ao propor a sua canonização, é irônica, ainda que pareça um disparate, pois o próprio Valdivieso sabe que o catolicismo e suas ideias liberais estavam em conflito:

Su alma dividida lo volvió atractivo para bandos irreconciliables. ¿Cómo hubieran coexistido esas contradicciones en los años que no llegó a vivir? La pregunta era inútil y retórica, pero señalaba la trágica oportunidad de esa muerte. El poeta expiró antes de que la realidad lo forzara a simplificar su espíritu escindido. [...] Pero ¿cómo habría tomado López Velarde la guerra cristera, ese copioso derrame de «sangre devota», los pueblos arrasados, los graneros quemados, la tribu de David en su martirio pueblerino, abandonada por todos los poderes? ¿De qué modo lo habría tocado esa gigantesca oración fúnebre? Ramón López Velarde murió con su futuro intacto. Imposible saber cómo se habría movido en el país despedazado que vino después. La fractura, la vida rota había sido de sus lectores. (VILLORO, 2004a, p. 235)

No romance, a mídia, a Igreja e até os narcotraficantes disputam o poder de representação e reinterpretação da memória, reivindicando a imagem do poeta nacional, tido como um dos pilares da literatura mexicana moderna, convocando Julio Valdivieso ao país para dar testemunho, dar fé aos seus interesses.

Valdivieso logo percebe que o esforço de determinado grupo da Igreja em sua insistente pregação pela canonização do poeta, focando principalmente nos motivos religiosos de sua poesia, associado à releitura da guerra cristera através de uma telenovela, são projetos que evitam o debate histórico sobre a Cristiada e as complexidades estéticas da obra de López Velarde. O que se propõe em realidade é uma reconfiguração do imaginário nacional, utilizando-se de meios de comunicação como um mecanismo contundente de convencimento, como se pode observar na fala de um dos criadores do projeto: “*Por el amor de Dios* va a tener gancho con su reivindicación del morbo católico.” (VILLORO, 2004a, p. 188) Enquanto que a santidade do poeta será construída com base em documentos duvidosos e golpes midiáticos.

O poeta nacional se revela, por um lado, de maneira ambígua, como um herói imaculado, quase um santo, e, por outro, transformado em mercadoria, nos postais, em nome de lojas, com poemas estampados em toalhas de mesa e, como diz a personagem Alicia: “Del poeta. Vi un mural en Los Ángeles, «The Suave Patria Bulevar», con imágenes de la muerte y la magia, en colores cabrones. Está fuerte, el bato.” (VILLORO, 2004a, p. 124) E até em sorvetes, como diz o capataz da fazenda Eleno: “ —¿López Velarde, le suena de algo? — Hombre, en Jerez hay unos helados que se llaman así.” (VILLORO, 2004a, p.463) É por isso que na obra querem canonizá-lo, porém o seu espírito volúvel, voluntarioso, mulherengo, enfim, um homem de carne e osso, cai do pedestal, sem que isso afete sua poesia.

O processo de mercantilização nega a memória, pois é sua função mesma substituir o novo pelo anterior. Ao transformar López Velarde, no romance, em mercadoria, fica claro esse processo de apagamento ocorrido com o poeta, como mercadoria reificada “como substituto compensatório de tudo o que nele houve de derrota, fracasso e miséria” (AVELAR, 2003, p. 238), que se tenta esquecer.

Julio Valdivieso volta ao México em meio à euforia de acreditar na construção da democracia e no fim da ditadura priísta. No exterior, ele é especialista nos *Contemporáneos* – uma geração que se pergunta em outro momento sobre a modernização do México logo após a Revolução. Mas a existência de um arquivo familiar e de um ser estudioso em literatura hispano-americana são recursos que na narrativa colocam Valdivieso em condições de escrever um roteiro televisivo e reconstruir a história de sua família, da Cristiada e de López Velarde.

El testigo é um romance sombrio e detalhado, que contribui para o desenvolvimento de uma discussão crítica sobre a posição da literatura diante dos problemas do México contemporâneo. Com essa obra, Villoro nos aproxima do presente como um problema teórico-literário, ou seja, no momento em que ele descreve a situação atual, procura demonstrar e criticar sua validade, levando o leitor a uma reflexão sobre o processo histórico.

A releitura em chave irônica de López Velarde proposta por Villoro deve ser entendida como um projeto que analisa a condição nacional do poeta, não raramente, poupando-o de uma interpretação crítica. A suposta dúvida levantada pelos personagens do romance a respeito do posicionamento crítico ou não do poeta é respondida no próprio romance de Villoro, através do poema *El retorno maléfico*, que percorre toda a obra. Ao analisar a primeira estrofe “Mejor será no regresar al pueblo/al edén subvertido que se calla/en la mutilación de la metralla” e o último verso: “... Y una íntima tristeza reaccionaria” (LÓPEZ VELARDE, 1998a, p. 153), percebe-se que o poeta temia voltar para sua cidade natal em meio à Revolução Mexicana, como menciona Gabriel Zaid: “Se fue soñando en mejorar las cosas, y ahora teme regresar al pueblo, el edén subvertido que se calla en la mutilación de la metralla”. (ZAID, 1998b, p.784) Já no último verso, com um adjetivo político, López Velarde demonstra sua ironia ao utilizar uma palavra cujo mérito não é somente literário. Villoro, em *El testigo* ironiza a interpretação inocente de que um artista da palavra colocaria um adjetivo como este sem um objetivo específico. No entanto, não significa dizer que esse poema possa induzir ao entendimento de que o passado havia sido melhor, mas é possível observar o pensamento de alguém que havia acreditado no futuro, mas enfrenta o presente que acabara de chegar.

Enfim, ao propor a canonização do poeta, o romance demonstra como os diversos grupos que disputam a representação de Ramón López Velarde somente escolhem uma via. Não importa se esta via é política, literária, social ou religiosa. Certamente não é crítica. Os personagens, então, escolhem a mais adaptável ao seu projeto de interpretação.

Referências bibliográficas

ARCEO MOLINA, Sandra. *El Plan de San Luis Potosí*. Disponível em: <http://www.bicentenario.gob.mx/index.php?option=comcontent&view=article&id=112:el-plan-de-san-luis-potosi&catid=70:200-anos-de-historia>Último acesso em: 07.05 2012.

AVELAR, Idelber. *Alegorias da derrota: a ficção pós-ditatorial e o trabalho do luto na América Latina*. Trad. Saulo Gouveia. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

BOLÍVAR MEZA, Rosendo. *Historia de México Contemporáneo II*. México: Instituto Politécnico Nacional, 2008.

GONZÁLEZ ROJO, Enrique. Un discípulo argentino de López Velarde. In: CAMPOS, Marco Antonio. (Compilación) *Ramón López Velarde visto por los Contemporáneos*. México: Instituto Zacatecano de Cultura, 2008.

GOROSTIZA, José. Ramón López Velarde y su obra. In: *Ramón López Velarde visto por los Contemporáneos*. México: Instituto Zacatecano de Cultura, 2008.

HERMOSILLA SÁNCHEZ, Alejandro. *Un viaje de ida y vuelta a México: El testigo de Juan Villoro*. 2010. Disponível em: <http://www.tonosdigital.com/ojs/index.php/tonos/article/viewFile/389/266>Último acesso em: 15.05.2013.

LÓPEZ VELARDE, Ramón. El retorno maléfico. In: MARTÍNEZ, José Luis. (coord.) *Ramón López Velarde. Obra poética*. Edición Crítica. CEP de la Biblioteca Nacional. ALLCA XX. (Colección Archivos: 1ª. e., 36), España, 1998a.

_____. Novedad de la Patria. In: MARTÍNEZ, José Luis. (coord.) *Ramón López Velarde. Obra poética*. Edición Crítica. CEP de la Biblioteca Nacional. ALLCA XX. (Colección Archivos: 1ª. e., 36), España, 1998b.

MARTÍNEZ, José Luis. (coord.) *Ramón López Velarde. Obra poética*. Edición Crítica. CEP de la Biblioteca Nacional. ALLCA XX. (Colección Archivos: 1ª. e., 36), España, 1998.

MONSIVÁIS, Carlos. López Velarde: El furor de gozar y de creer. Ensayo publicado en 1988 en homenaje al centenario de Ramón López Velarde. In: MARTÍNEZ, José Luis. (coord.) *Ramón López Velarde. Obra poética*. Edición Crítica. CEP de la Biblioteca Nacional. ALLCA XX. (Colección Archivos: 1ª. e., 36), España, 1998.

PACHECO, José Emilio. *López Velarde hacia "La suave Patria"*. Letras Libres, agosto de 2001. Disponible en: <http://www.letraslibres.com/revista/convivio/lopez-velarde-hacia-la-suave-patria> Último acceso em: 07.01.2012.

PAZ, Octavio. El camino de la pasión. In: *Cuadrivio*. México: Joaquín Mortiz, 1972.

SÁNCHEZ-PRADO, Ignacio M. *Naciones intelectuales: la modernidad literaria mexicana de la constitución a la frontera (1917-2000)*. 2006. 422f. Tese de Ph.D. (Hispanic Languages and Literatures). University of Pittsburgh, Pittsburgh, 2006. Disponible em: http://d-scholarship.pitt.edu/7769/1/Sanchez_Prado_ETD_2006.pdf Último acceso em: 21.08.2012.

SCHWARTZ, Jorge. *Vanguardas latino-americanas: polémicas, manifestos e textos críticos*. São Paulo: Editora Iluminuras, 1995.

SPECKMAN GUERRA, Elisa. El Porfiriato. In: Pablo Escalante Gonzalbo... [et. Al.]. *Nueva historia mínima de México*. México D.F. Ed. El Colegio de México, 2007.

VILLORO, Juan. *El testigo*. Barcelona: Editorial Anagrama, 2004a.

_____. *Ramón López Velarde: la tradición de un fantasma*. In: *Sueltos de la selva profunda*. Séptima Serie: Números 67 al 77. Rioja: Cultural Rioja, 2004b.

ZAID, Gabriel. Liminar. In: MARTÍNEZ, José Luis. (coord.) *Ramón López Velarde. Obra poética*. Edición Crítica. CEP de la Biblioteca Nacional. ALLCA XX. (Colección Archivos: 1ª. e., 36), España, 1998a.

_____. López Velarde reaccionario. In: MARTÍNEZ, José Luis. (coord.) *Ramón López Velarde. Obra poética*. Edición Crítica. CEP de la Biblioteca Nacional. ALLCA XX. (Colección Archivos: 1ª. e., 36), España, 1998b.

ZAVALA, Oswaldo. La mirada exógena: Villoro, López Velarde y la modernidad periférica en *El testigo*. In: RUISÁNCHEZ, José Ramón. y ZAVALA, Oswaldo. (Compilación) *Materias dispuestas: Juan Villoro ante la crítica*. Barcelona, Editorial Candaya, 2011.

Vídeo:

DISCUTAMOS MÉXICO. *Programa conmemorativo del bicentenario de independencia*, 2010, no. 44. (Canal once IPN). Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=0pslKmd7zGg> Último acesso: 10.02.2012.

ⁱ O PRI foi fundado em 4 de março de 1929 pelo então presidente Plutarco Elías Calles sob o nome de Partido Nacional Revolucionario (PNR). Nove anos depois, em 1938, o também presidente Lázaro Cardenas muda o nome para Partido de la Revolución Mexicana (PRM). Finalmente em 18 de janeiro de 1946, Miguel Alemán nomeia da maneira que é conhecido atualmente. (DISCUTAMOS MÉXICO, 2010, programa 44).

ⁱⁱ O muralismo mexicano ressurgiu como manifestação nacional nas primeiras décadas do século XX, como caminho que os artistas da época encontram para manifestar suas ideias sobre uma arte popular e engajada. As primeiras obras surgem em 1910 para decorar os murais da *Escuela Preparatoria*. Os integrantes desse movimento que torna a arte acessível às massas são: Diego Rivera (1886-1957), José Clemente Orozco (1883-1949), David Siqueiros (1896-1974) entre outros. (BOLÍVAR MEZA, 2008, p.112)

ⁱⁱⁱ Porfiriato – período em que Porfirio Díaz ocupou a presidência do México entre 1877-1880 e 1884-1911. (SPECKMAN GUERRA, 2007, p. 192)

^{iv} O *Plan de San Luis Potosí* foi um documento político no qual Francisco I. Madero convocava a um levantamento em armas no dia 20 de novembro de 1910, com o objetivo de derrubar Porfirio Díaz, o estabelecimento de eleições livres e democráticas e se comprometia a restituir aos camponeses as terras que lhe haviam sido arrebatadas pelos fazendeiros. (ARCEO MOLINA, 2010, p.1)